

JÔ SOARES
E MATINAS SUZUKI JR.

APRESENTAM

O LIVRO DE JÔ
UMA AUTOBIOGRAFIA DESAUTORIZADA

VOLUME 1



Copyright © 2017 by Jô Soares

Por se tratar de uma obra de memórias, em várias passagens este livro reproduz um vocabulário de época que precisa ser considerado em seu contexto histórico.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico

Alceu Chiesorin Nunes

Foto de capa

Acervo pessoal do autor/ reprodução de Marcos Vilas Boas

Fotos de guarda

Acervo pessoal do autor

Foto de quarta capa

© Marcio Scavone

Cadernos de fotos

Joana Figueiredo

Preparação

Márcia Copola

Checagem

Érico Melo

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Thaís Totino Richter, Clara Diament e Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Soares, Jô

O livro de Jô : Uma autobiografia desautorizada. — 1^a ed.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-3014-6

1. Apresentadores (Teatro, televisão etc.) – Brasil – Biografia
2. Soares, Jô, 1938- 1. Título.

17-08495

CDD-927.9145

Índice para catálogo sistemático:

1. Apresentadores de programas : Televisão : Biografia 927.9145

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

*Para Mercedes e Orlando,
e para o Rafa*

Dying is easy... comedy is hard.

Frase atribuída ao ator Edmund Gwenn, em seu
leito de morte, respondendo a um amigo que
lhe perguntara como se sentia.

Sumário

José Eugenio Soares, por Millôr Fernandes, 11

O LIVRO DE JÔ, 15

Agradecimentos, 447

Bibliografia, 449

Créditos das imagens, 453

Índice remissivo, 455

José Eugenio Soares

Por Millôr Fernandes

Jô Soares é todo cordura — e quem encontrar outra ressonância na palavra é um grosso materialista. Carioca da gema, estudou na Suíça, no cantão de Vaud, de onde até hoje tira estranhos padres untuosos. Ao nascer num hospital do Rio Comprido desconfiou logo que a vida era incurável. Donde seu ceticismo sem remédio. Pois, cercado do riso que o envolve, nem percebe a seriedade que provoca. Suas imitações são tão originais que tinha que acabar inimitável. E sua deformação profissional chegou ao ponto em que, às vezes, ao acabar o trabalho, leva meia hora até encontrar sua própria cara. E se alguns amigos vissem, como eu, as caricaturas que lhes faz, nenhum deles voltaria a falar comigo. Pudibundo em dias úteis, reserva sua lascívia para os dias santos. Mas dizem que, em certas tardes de abril, ele mergulha em chamas. Que é quando viola a correspondência alheia e lê, abobalhado. Pois ninguém jamais foi tão íntimo do âmago. Irmão do videotape, primo do tubo catódico (trabalha na tevê desde quando ainda se chamava vosvê), só faz televisão com controle remoto — do Oiapoque ao Chuí derrota os que, como eu, tratam a televisão com um “nem te ligo”.

Profissional perfeccionista, sua vontade de acertar é tão grande que só atira nos diretores de tevê com mira telescópica. Pintor

de domingo, seus quadros são um dia de descanso. Acha que o problema demográfico só estará resolvido se a população, além de não crescer em número, diminuisse de cintura. Sempre de bom humor, nem parece humorista. Adora motocicleta, sua forma pessoal de bicicleta. Lê muito, sobretudo o que ele mesmo escreve, sua forma pessoal de feedback. Conversador compulsivo, gasta com amigos todos os restos da semana — pois não crê em poupança do tempo que lhe sobra. Usa roupas fantásticas — só para compensar um mundo cinza. Exibicionista nato, um dia descobriu que, pondo bilheteria, era muito mais fácil. Fala diversas línguas; tem sotaque apenas em português, claro. Não escolhe papéis — aceita seu script em papel fino, crepom ou *Schoellershammer*. Eclético total, o que mais gosta é tudo. Só estará realizado no dia em que interpretar um personagem totalmente sem graça e o público não rir.

Certa ocasião em que trabalhamos juntos fez um regime tão sério, ficou tão inacreditavelmente magro que, ao vê-lo, todo mundo me dizia com espanto: “Millôr, como você está gordo!”. Pouco agressivo em seu humor, trabalha mais na linha do sardônico, cara que mora numa ilha de paz lá perto da Sicília. Está profundamente certo de que aos humoristas cabe melhorar o ser humano — Deus fez apenas uma caricatura. Por isso sua frase predileta: “É no pepino que se torce o menino”. Ama o agreste, torce pelo Fla x Flu, ri muito em certas noites de quarto minguante, uma vez, distraído, omitiu dezesseis dias e, às segundas-feiras, apenas se o entrevê, que digo?, se o entrevê, perdão, se o tevê. E tem razão quando diz que a televisão de 21 polegadas não dá toda a dimensão de seu talento: ainda espera atuar numa de 21 pés, em holografia. Tudo que é ele deve a si mesmo, papagaio que nenhum banco desconta. Feminista exagerado, acha que as mulheres, hoje em dia, já estão com tudo, quer dizer, só falta um pedacinho. Pois é fruto de vosso ventre, embora se julgue ultrapassado e espere, na próxima geração, vir em proveta. Voando entre Rio e São Paulo já gastou muitos medos: pois dizem que foi ele quem colocou a pedra fundamental na ponte aérea. Crê no palhaço, e em

Carlitos, um só seu filho, o qual padeceu sob o poder de Joseph McCarthy. Mas no refluxo das marés não acredita. Sua expressão facial está na cara. Sua expressão corporal só se vê quando ele para. E no dia em que morrer não deseja choro nem vela. Quer um enterro bem simples: apenas um caixão de pinho com oitocentos bispos vestidos de púrpura em volta, trezentas câmeras filmando e narração em dezenas línguas. Igualzinho ao do papa.

Texto escrito por Millôr Fernandes na série “Retratos 3 × 4 de amigos 6 × 9”, que usei para a apresentação do livro *O astronauta sem regime*, lançado em 1983. Ao contrário do que diz meu amigo Millôr, não ando mais de motocicleta, além de, desde que sofri meu segundo acidente, não recomendar o veículo a ninguém. Hoje, meu queridíssimo Millôr, acho que até mesmo as televisões de 85 polegadas são insuficientes para mostrar todo o meu talento.

O LIVRO DE JÔ

I

Paris, 1954. Eu jantava com minha mãe no Calavados. O famoso ator e comediante francês Robert Lamoureux também estava lá. Na maior cara de pau, fui até ele e perguntei se poderia mostrar uma coisa que eu sabia fazer. Como o ator gentilmente consentiu, exibi sobre sua mesa o meu grande número da época, uma divertida dança com os dedos das mãos calçando sapatinhos. Quando acabei, o Lamoureux disse:

— Não sei o que você quer ser na vida, mas não tem jeito, vai acabar fazendo teatro.

Rio de Janeiro, 1957. Na piscina do Copacabana Palace, eu apresentava uns números para a roda de amigos ali reunidos, quando um homem gritou para mim:

— Menino, venha aqui.

Fui até ele, que perguntou o que eu fazia. Respondi que estava estudando para prestar o vestibular do Instituto Rio Branco, queria seguir carreira de diplomata no Itamaraty. Ele então me disse:

— Você pode estudar o que quiser agora, mas o que você vai acabar fazendo de fato na vida é trabalhar no teatro.

Sem que nem ele nem eu soubéssemos naquela tarde ensolarada do Rio, aquele homem teria enorme influência na minha carreira. Era o Silveira Sampaio.

II

No Carnegie Hall, por uma fresta na cortina de tecido cuidadosamente escolhido para não atrapalhar a perfeita acústica do local, o trompetista Harry James, nervoso, espia a plateia. São cerca de 20h do domingo 16 de janeiro de 1938, em Nova York. Os 2804 lugares da mais famosa sala de concertos dos EUA estão sendo tomados por um público de colarinhos engomados e vestidos longos. “Senti-me como uma puta numa igreja”, diria o músico, mais tarde. Aquela seria uma noite mítica para a história do jazz, a entrada triunfal do *swing* na catedral da música branca da elite mais rica do planeta, mudando para sempre a sensibilidade do século xx. Enquanto, ainda intimidados (até que Gene Krupa quebrasse o gelo atacando seus tambores), Goodman e o resto da big band davam os acordes iniciais de uma música que acabava de ser lançada, “Don’t Be That Way”, a 7736,1 quilômetros dali, no Hospital Alemão, no Rio Comprido, cidade do Rio de Janeiro, sem pedir licença a ninguém, eu vinha ao mundo pesando 3,750 quilos.

Sou o primeiro (e único) filho de uma mulher extraordinária chamada Mercedes Leal Soares. Mamãe vivia com naturalidade coisas que só anos e anos depois se tornariam realidade para a maioria das mulheres de seu tempo. Foi, por exemplo, a primeira mulher a tirar carteira de motorista no Rio de Janeiro, tocava pia-

no muito bem e, décadas antes da chamada globalização, já falava sete línguas. O André Jordan, cidadão do mundo que, assim como meus pais, morou no Anexo do Copacabana Palace, escreveu em seu livro de memórias que “d. Mercedes era uma mulher muito inteligente e espirituosa”.

O poeta e editor Fernando Moreira Salles me contou certa vez que foi assistir a um dos meus one-man shows com seu irmão mais novo, o documentarista João Moreira Salles. Impressionado por ver uma pessoa gorda como eu dançando e saltando com leveza no palco, ao chegar em casa Fernando fez esse comentário a seu pai, o ex-embaixador em Washington Walther Moreira Salles, que lhe respondeu:

— Para mim não é surpresa nenhuma, essa leveza vem da mãe dele. Nenhuma dama no Rio de Janeiro era tão graciosa, suave e alegre para se dançar nas festas e nos bailes quanto a Mercedes. Era a minha parceira preferida.

Meu querido amigo Nilton Travesso, um dos homens mais importantes da história da televisão brasileira, o responsável pela minha contratação pela TV Record em 1963, foi uma ocasião com sua mulher, Marilu, passar o Carnaval na nossa casa, em Petrópolis, e ficou encantado ao conhecer mamãe. Nilton diz que ela era de “uma nobreza inacreditável, tinha um glamour, uma educação, uma gentileza. Jogava baralho com fichas de madrepérola, era uma mulher muito chique”. Ele conta que foi a primeira vez que viu alguém fazer por telefone a reserva de mesa para jantar num restaurante — achou a atitude muito civilizada (naquele tempo isso ainda era prática incomum no Brasil).

A atriz Heloísa Helena me disse que, aos quinze anos, via minha mãe nas rodas de mulheres do Rio e que Mêcha (pronuncia-se “Mêcha”; Mêcha é apelido de Mercedes em espanhol; mamãe tinha umas primas argentinas que acabaram estabelecendo a maneira de ela ser chamada pela família e pelos amigos) marcou a sua vida: falava o que pensava, era grande contadora de histórias, sol-

tava palavrões e... fumava. Esse hábito, nada bem-visto nas mulheres da época, seria a origem de sua enfermidade (tromboangeíte obliterante, TAO, doença vascular inflamatória oclusiva, associada ao tabagismo, que impede a chegada da circulação às extremidades), praticamente desconhecida no Brasil. Ela fumava um cigarro fortíssimo, da marca Petit Londrinos, fabricada pela Tabacaria Londres. Mamãe foi rara até em sua enfermidade. Ela nunca perdia o humor. Por causa da TAO, teve um dedo amputado de cada mão. Seu primeiro comentário ao voltar da cirurgia:

— Vou exigir um desconto de vinte por cento da minha manicure.

Naquela noite de domingo de 1938, minha mãe tinha quarenta anos. Se nem mesmo hoje, com os enormes progressos da medicina reprodutiva, é fácil para a mulher madura ter seu primeiro filho, imagine as dificuldades que ela enfrentou — e os preconceitos, pois o costume era as mães ficarem mães bem mocinhas. Fazia catorze anos que Mêcha estava casada com meu pai, Orlando Heitor Soares, e já havia desistido de ter filhos quando, em cima de um cavalo, saltando uma cerca na tradicional fazenda da Jureia (que pertencia à minha madrinha Helena Maria de Lima e Silva, nascida em Bruxelas, que falava com forte sotaque francês e era neta do conde de Tocantins, irmão do duque de Caxias), sentiu dores. Ela pensou que fosse um fibroma no útero, o tumor que se forma na parede desse órgão, mas o médico Otávio Rodrigues Lima, seu primo-irmão, lhe informou que, em vez de fibroma, era um “filhoma”. Mamãe começou a chorar. Não de alegria, e sim pela certeza de que iria morrer. A cesariana era cirurgia de alto risco. Vale lembrar que eu fui inventado antes da penicilina.

Justamente por ser tão próximo de minha mãe, o dr. Otávio não teve coragem de fazer a cesariana. Na hora H, atribuiu a incumbência ao dr. Jorge de Rezende, que viria a ser um dos mais

importantes obstetras do Brasil. O hospital em que nasci era a referência médica no Rio de Janeiro. A medicina alemã gozava de grande prestígio internacional. Papai contava que a primeira vez que me viu foi saindo da sala de cirurgia, nos braços da enfermeira-chefe germânica Dora Scheverter, que passou por ele apressadamente dizendo: “Seu filho, seu filho!”, e continuou escadaria abaixo, a mil por hora, rumo ao berçário, onde me depositaria. Ele pensou: “A enfermeira vai cair, e pronto, o bebê vai morrer. Catorze anos casado sem ter filhos e, quando nasce um, morre no dia em que nasceu”.

Meu nascimento foi anunciado ao mundo... bem, pelo menos à então Capital Federal, e, ainda sem ter feito nada na vida a não ser sujar fraldas, ganhei o meu primeiro adjetivo na imprensa. A *Revista da Semana* registrou minha chegada e, no dia 21 de agosto, o *A Noite*, o jornal de maior circulação no Rio, noticiava o batizado do “interessante menino José Eugenio”:

Realiza-se hoje o batizado do interessante menino José Eugenio, primogênito do Sr. Orlando Soares e D. Mercedes Leal Soares, figuras muito estimadas e de relevo nos nossos círculos sociais. Após a cerimônia, que terá lugar às dezesseis horas, na igreja de Santa Teresinha, em Copacabana, o distinto casal oferecerá em sua residência um “cock-tail” às pessoas de suas relações. Os padrinhos de José Eugenio serão o nosso brilhante colega Costa Rego e a Sra. Helena Lima e Silva.

O “nossa brilhante colega” da nota acima, meu padrinho, era o Pedro da Costa Rego, ex-governador e ex-senador por Alagoas, e nada mais nada menos do que o homem que comandou o elenco de grandes jornalistas do *Correio da Manhã*, com idas e vindas, por décadas. O redator do comunicado do batismo certamente não conhecia a mensagem que Costa Rego, dez anos antes, ainda governador, mandara aos deputados da Assembleia de seu estado dizendo que preferia ser “forte a ser lisonjeado”.

E para governar Alagoas, naquele tempo, tinha de ser um forte mesmo. Em 1926, os inimigos tramaram a morte de Costa Rego. O atirador contratado, o guarda-civil Felismino Hugo Jatobá, subiu no alto de uma mangueira e mirou. Na casa vizinha, percebendo que algo diferente estava acontecendo, um bando de gansos entrou em alvoroço e começou a grனnar. Apavorado, o candidato a assassino não atirou — e, ainda assim, foi condenado a trinta anos de prisão. Na varanda de sua casa, Costa Rego lia sossegadamente o jornal, ao lado de sua amante francesa, Marcelle Sigaud, e do dr. José Eugenio Soares (já viram de onde saiu o meu nome), meu tio-avô pelo lado paterno, que era médico e chefe do Serviço de Saúde daquele estado. Queridíssimo pela família, alguns anos depois tio José Eugenio, um homem bonito, levou um tiro no ventre disparado por um marido ciumento no interior alagoano. Colocado em cima de uma mula, demorou muito para chegar à cidade mais próxima com recursos para atendê-lo; morreu no caminho.

Em suas colunas nas páginas do *Correio*, Costa Rego foi assíduo e corajoso combatente de Getúlio Vargas, tendo escrito uma das frases mais famosas sobre o ditador: “Tem a superioridade de não acalentar amigos; tem ainda a inteligência de não cultivar inimigos”. Em 22 de fevereiro de 1945, apoiado pelo proprietário do periódico, Paulo Bittencourt, ele foi o único editor de jornal que teve peito para publicar a célebre entrevista que Carlos Lacerda havia feito com José Américo de Almeida (paraibano, autor de *A bagaceira*), sepultando a censura do Estado Novo e abrindo a contagem regressiva para a deposição de Vargas. Respeitado homem de imprensa, o redator-chefe mais longevo do mais importante jornal do país, Pedro da Costa Rego foi praticamente esquecido. Entre os poucos que se lembraram dele está uma das pessoas mais cativantes que conheci, Otto Lara Resende, o qual trabalhou em quase todas as grandes publicações do Rio, muitas vezes defendendo certa ideia em artigo num determinado periódico para, em seguida, defender argumentos diametralmente contrários àquela

ideia em outro. Assim era a vida de jornalistas, que ganhavam muito pouco para ser exclusivos de um só veículo. Em 1977, Otto redigiria a carta de demissão de Walter Clark, episódio traumático na história da Globo, para, em seguida, redigir a carta que aceitava a demissão, assinada por Roberto Marinho, de quem foi ghost-writer. Ambas impecáveis.

Coisa rara de acontecer, Costa Rego não se encantou com Otto Lara Resende, que, por seu lado, o classificou como um “jagunço perfeccionista, miopemente minucioso”. No teste feito pelo mineiro para ser editor de política do *Correio*, o senador, como era chamado mesmo depois de deixar o Parlamento, disse a ele: “Está ali uma máquina; sente-se e escreva o que há na política; se for bom, amanhã você fica sabendo, porque sai [no jornal]; se não for, cesta”. Numa longa noite na redação, já próximo ao deadline para a impressão do jornal, estavam trabalhando apenas Costa, Otto e um colega, quando o primeiro perdeu as estribeiras e teve um “destempero caricatural” com o jovem escritor. O jornalista de São João del Rei havia passado, sem revisar, seu artigo do dia para o redator-chefe ler. Este considerou o fato um crime de lesa-pátria. Enquanto dava o esporro no pobre editor, o todo-poderoso do *Correio da Manhã* olhava para o outro profissional que restava na redação, como se pedisse apoio para sua altercação. O cara, no entanto, ficou mudo. Só mais tarde, no momento em que Costa Rego, finalmente pacificado, se retirou, é que ele murmurou para o Otto: “Não ligue. O velho é barulhento, mas é bom sujeito”. O nome do outro jornalista era Graciliano Ramos.

Tida como uma das peças mais contundentes escritas contra Getúlio Vargas, um texto do meu padrinho comparava à pesca do pirarucu a maneira como o ditador decapitava seus colaboradores:

Ora, não é senão uma pesca de pirarucu o que o sr. Getúlio Vargas faz, no desdobramento das crises da Revolução. Os homens que ele quer submeter, anular ou proscrever são primeiramente arpoados.

Correm. Ao fim da linha, o Ditador suavemente os chama. Embora resistindo, eles voltam, presos ao arpão. O sr. Getúlio Vargas larga-os mais uma vez, e só os larga para que voltem, até que, extenuados, lhes possa aplicar o macete.

O apelido “pirarucu” logo pegou na então Capital Federal para designar as viúvas políticas de Getúlio. Com dor de corno por ter sua Ação Integralista Brasileira colocada na clandestinidade pelo Estado Novo, Plínio Salgado, que havia apoiado o ditador, escreveu-lhe em janeiro de 1938 dizendo: “Em todas as rodas de políticos da cidade, só se falava então no ‘tombo’ que V. Ex.^a nos dera; no novo ‘pirarucu’ que V. Ex.^a pescara...”.

Na tarde de 23 de agosto de 1954, véspera do suicídio do presidente, um dos últimos homens a visitá-lo no Palácio do Catete foi Augusto Frederico Schmidt — curioso caso de mistura de poeta, editor e empresário, muito respeitado no Rio de Janeiro, que viria a ser influente assessor de Juscelino Kubitschek e o escritor de seus discursos. O retrato pintado por Schmidt é melancólico. Ele fora surpreendido com a confirmação da audiência com o presidente da República para tratar de uma questão menor — um relatório americano sobre o problema da alimentação no Brasil — no pior momento do governo, mergulhado numa crise sem saída. Diante de um Getúlio mais magro e abatido, declarou que não poderia ler o relatório, a hora era grave, não havia clima. Estupefato, ouve Vargas, o homem à beira do abismo, pedir-lhe que leia o que dizem os americanos sobre a industrialização... do pirarucu! A dada altura, Schmidt interrompe a leitura para fazer alguns comentários e não consegue evitar a menção ao maquiavélico artigo “A pesca do pirarucu”, de Costa Rego. “Getúlio sorriu-me, com um largo sorriso, mas triste. Um sorriso que poderia traduzir-se talvez assim: ‘Quem está sendo pescado, neste momento, sou eu’”, escreveu o poeta.

Uma tarde, minha mãe me leva para fazer uma das coisas que eu mais adorava na infância: tomar sorvete de creme com calda de

morango e farofa de amendoim na Confeitaria Guanabara. Eu estava prestes a ser crismado. Pouco depois, o Costa Rego chega à sorveteria e senta-se conosco. Nós nos cumprimentamos e mamãe foi logo dizendo: “Olha aqui, Costa, você pode dar uma nota sobre a crisma do Zezinho, mas, por favor, sem veadagem, Costa, sem veadagem!”. Ela não tinha engolido aquela história de “interessante menino” da nota do batizado, que saíra na *Noite*. Era assim que Mêcha, a antipoliticamente correta por excelência e pessoa essencialmente informal, tratava um poderoso jornalista da República, o cara que Otto Lara Resende dizia ter “alma de mandacaru”.

Passávamos férias na fazenda da Jureia, que ficava na região de lindas propriedades cafeeiras. Iamos de automóvel até Barra do Piraí, onde pegávamos um carro de boi. Lembro-me do aboio do condutor, a pé, ao lado dos animais, com uma vara: “Xô, Marinheiro! Vâmu, Teimoso!”. Tenho ótimas recordações de lá e uma foto da qual gosto muito, da minha infância, às gargalhadas, vestindo um macacão que minha própria mãe costurava, com bastante capricho. Ela fazia um para cada dia da semana, assim eu podia me esbaldar e me sujar à vontade, porque sempre teria um macacão limpo para usar no dia seguinte. Uma vez, brincando com um menino que vivia na fazenda, entrei numa área interditada por uma cerca de arame farpado: tinha sido um açude, era um lamaçal. Afundei até a cintura e me puxaram com uma corda amarrada num trator.

Lá também havia um negro bem velhinho, desses que apareciam com um cachimbo na boca nas pinturas figurativas brasileiras, o qual diziam ter sido um escravo reproduutor. Como um cavalo garanhão, ele era usado para engravidar as escravas e aumentar a população cativa — sinônimo de riqueza — nas fazendas. O velho, segundo contavam, costumava afirmar que os tempos de escravidão não foram tão ruins para ele. Fiquei com essa história na memória, às vezes me perguntando se era verdadeira, até que, em 1973, li uma reportagem do dramaturgo barretense Jorge

Andrade, na revista *Realidade*, sobre o ex-escravo João Antônio, que declarava ter sido reproduutor nas fazendas do barão de Guaraciaba. Do alto dos seus 122 anos, João Antônio disse ao teatrólogo: “Homem é bicho perigoso”. Documentos recentes descobertos por historiadores portugueses mostram que a figura do escravo garanhão já existia no Paço Ducal de Vila Viçosa, a mais importante casa nobre do reino, no século XVI: “Tem criação de escravos mouros, alguns dos quais reservados unicamente para fecundação de grande número de mulheres, como garanhões [...]. Não é permitido ao mouro garanhão cobrir as grávidas, sob a pena de cinquenta açoites, apenas cobre as que o não estão, porque depois as respectivas crias são vendidas por trinta ou quarenta escudos cada uma”.

Para todo mundo que me conhece ou já me viu na televisão, é difícil crer que levei tempo para falar. No *Diário do bebê*, um mísmo livro com palavras de Osvaldo Orico (ótimo contador de casos nas rodas boêmias que, no entanto, praticamente não escrevia) e ilustrações do grande J. Carlos, em edição caprichada da Civilização Brasileira em conjunto com a Companhia Editora Nacional, minha mãe contou a primeira palavra que pronunciei:

Estava José Eugenio brincando em sua caminha e atirando no chão os brinquedos, encantado com os ruídos dos mesmos na queda. Mamãe que estava sentada cosendo à máquina, de costas para o filhinho, abaixava-se e apanhava os objetos até que finalmente cansada ralhou com Zezinho ameaçando “ai ai a mamãe faz pan pan se jogar outra coisa no chão”. Tendo ele repetido a façanha mamãe virou-se de repente e ele com os braços abertos: “caiu”. José Eugenio falou muito tarde, tinha então dezessete meses.

Havia nessa época, no Rio, um diplomata maranhense extremamente culto, gordo, muito amigo das rodas dos intelectuais boé-